

José Joubert Chaves
EDITOR

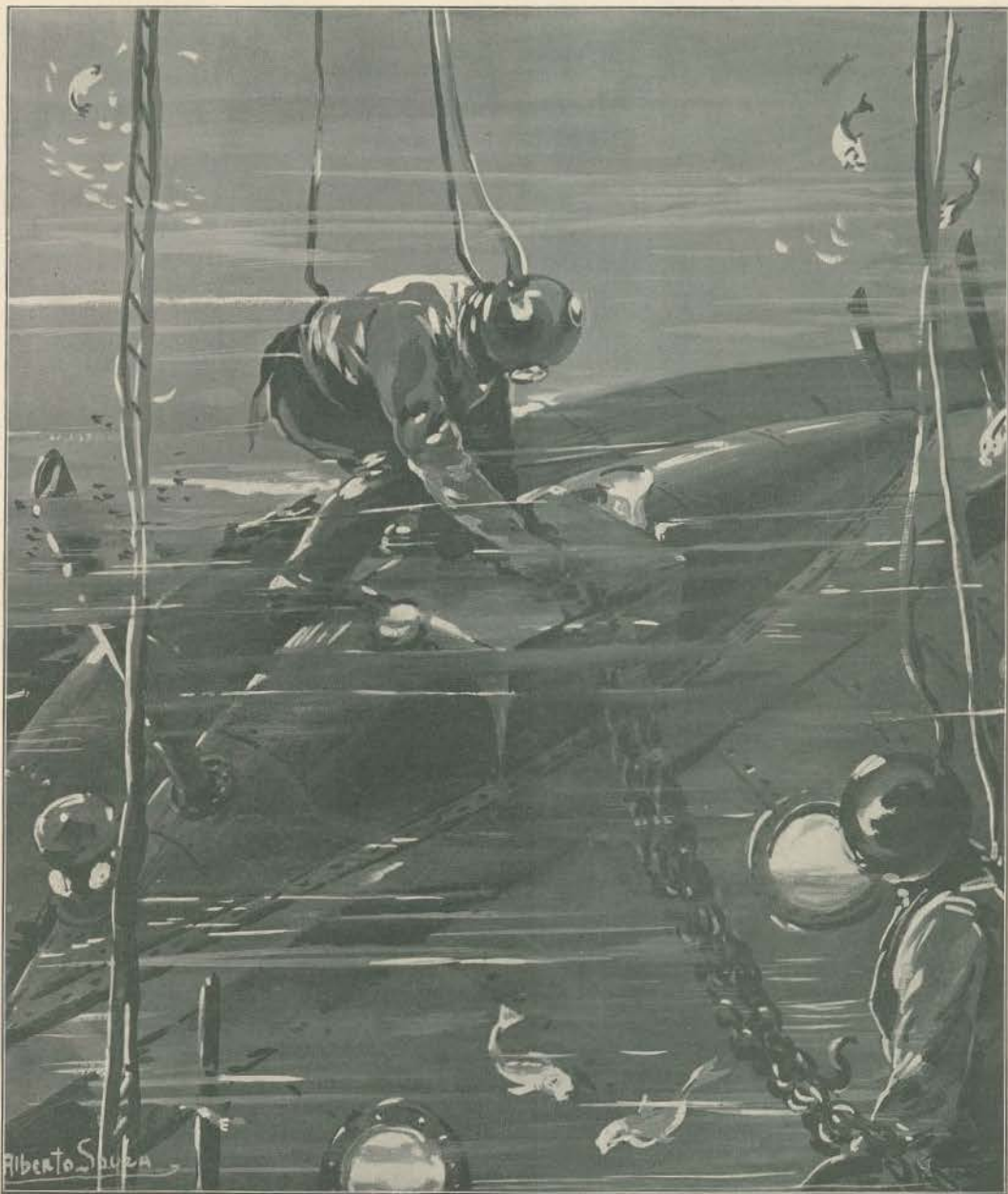
Toda a correspondência relativa a esta publicação deve ser dirigida
com o endereço ILLUSTRACÃO PORTUGUEZA—LISBOA

Redacção, administração, atelier de desenhos e officinas de photographia, photogravura, zincographia, stercotypia, typographia e impressão—Rua Formosa, 43—LISBOA

PRIMEIRO ANNO

SEGUNDA FEIRA, 4 DE ABRIL DE 1904

NUMERO 22



OS TRABALHOS DOS MERGULHADORES NO SUBMARINO N.º 1 DA MARINHA INGLEZA NAUFRAGADO PERTO DO CABO NAB

A flotta dos submarinos Ingleses andava nas manobras navaes e a sua tarefa consistia em mergulhar d'um lado dos navios e surdir pelo outro depois de ter simulado um ataque. O principe de Galles assistia á immersão do submarino n.º 1 e a tripulação satisfellta tomara os seus lugares para continuar as manobras. Consistia de onze homens, incluindo 2 officiaes, a equipagem do barco que deslocava 200 toneladas. Porém á noite, quando se fez a chamada, viu-se que faltava o submarino em questão e como n'essa tarde o *Rennick Castle*, um navio de carga que ia para Hamburgo, elcilarava ter tocado n'um torpedo para lá do cabo Nab, acreditou-se desde logo n'um desastre e fo-

ram enviadas canhoneiras e o rebocador *Enterprise*, que não encontraram o barco. Desceram então os mergulhadores e vieram dizer que o submarino estava a dez metros de profundidade com um grande burco, o que fazia suppor estar morta toda a tripulação. Pateram-se grandes marteladas no casco do barco e não se ouvia o mais ligeiro signal de vida no seu ventre d'ago. Começaram os trabalhos de guindagem e dentro em pouco o submarino está posto a nado, podendo ir então verificar-se o seu interior.

CHRONICA

Amendoas... amargas

Na Semana Santa, que já lá vai, lembrou-me muito um meu antigo vizinho, o major Liborio. Era um homem zarrão, o major, andara no Alto do Vizo a comer ortigas com sal e a morder cartuchos:



A PROCISSÃO DO TRIUMPHO—SENHOR DOS PASSOS

nos empurrões do conde de Santa Maria conseguira a Torre Espada e a patente. Teve filhos que casaram, nasceram-lhe os netos enquanto elle ia tomar o sol para S. Pedro d'Alcantara, de mãos no castão d'osso da bengala de canna da India e a fumar desesperadamente n'um resto de cachimbo.

Só não apparecia na Semana Santa; ia para casa dos filhos comer de magro e contar aneddotas do Saldanha, sempre com muitos murros na meza e n'um vozeirão rude a imitar o marechal e os tiros.

Mas como a prole era numerosa, como havia uma ranchada de pequenos em cada casa e que o olhavam enternecidos á espera dos presentes do tempo, o major muito serio, muito grave como n'uma formatura, chamava-os:

— Ora venham cá... Tomem lá as amendoas... Os rapazinhos loiros, traquinhas, aquietavam-se, chegavam-se ao avô muito admirados, pois não

viam o cartucho esperado que lhes satisfaria o desejo de gulodices.

E' que o amigo Liborio trazia apenas uma meia duzia de amendoas nas algebeiras e com um ar cerimoniaes, tirando-as uma a uma, mostrava-as de alto e começava a contar uma historia.

Os pequenitos, d'olhos fixos, tremulos de desejo, anciosos, viam a amendoa durante uma hora, tantalisados, todos em fremitos e por fim quando elle as deixava cahir tinham um goso extremo:

— Viva o vovó! Viva... — e saltavam-lhe aos joelhos, faziam-lhe festas, levavam-no para a mesa entre berros, muito querido, muito festejado. Mas os rapazes cresceram, começaram a achar amargo o presente comido por este processo e quando o major quiz fazer partida igual, não estiveram com cerimoniaes, atiraram-se e roubaram-lhe as amendoas todas sem quererem saber das historias.

N'esse dia o major Liborio não fanteu com tanta satisfação e no domingo seguinte ao de Paschoa enterrava-se nos Prazeres com algum latim e as descargas do estylo. Pobre major!

Ora o governo esteve na semana que lá viae como o major Liborio. Fez-se a procissão do Triumpho, symbolico cortejo da ograça e do ministerio. Sahiu a procissão do Carmo e entrou o sr. Pequi-



A PROCISSÃO DO TRIUMPHO—A IMAGEM DA SENHORA DA SOLEDADE COM AS SUAS AIAS, SR.^{as} D. JULIA BRAZÃO E D. ROSA DAMASCENO

to no governo: foi um dia de gordo para a politica orçamental, foi um dia de magro para o paiz: a Paschoa antecipou-se oito dias, sou a campanha da Alleluia antes de tocar a finados... E o governo fez a distribuição das amendoas pelo processo do velho militar...

Esteve muito tempo com o sr. Teixeira de Souza suspenso, tantalescamente, em negações, em exposição, a gerar cubiças e ao cabo d'um certo tempo deixou-o cahir nos brados da nação lanzada. Escorrou-se e como o major Liborio continuou a jantar...

Porém a galeria esperava mais, esperava muito mais e já grita de novo, já cresce... e o domingo



A PROCISSÃO DO TRIUMPHO—O SENHOR CRUCIFICADO

além da Paschoa vem perto... Começa toda a gente a vêr que amendoa do brinde, o novo ministro, foi uma simples amendoa amarga e a exigir que cahia o resto do cartucho.

De resto foram amargas todas as amendoas distribuidas.

Agora durante um mez toda a Lisboa ficará de braços cruzados encostada aos peitorais nas tardes de modorra, tardes nostalgicas, a olhar os passeios por onde circulam aborrecidos os que sahem.

Isto porque as amendoas desequilibraram os orçamentos.

E veem uma saudade do campo, um desejo de sahir com o sol que faz, de estrear o electrico inaugurado ha dias e que vai até ao Oceano, por entre varzeas, por entre arvoredos, pela praia côr de ouro até ao mar azul como o céu, immenso, dourado, quieto e esphingico.

Todos se recolhem umas semanas, a esquecer as amendoas e o seu travo amargo, a cobrar despezas, para poderem ir no fim do abril, que dá côr ás rosas, passar uns dias á beira d'agua.

A Semana ida — a Santa — foi, pois, de magro toda ella, menos para o governo que se escorou, para os confeiteiros que se encheram e para Jesus-Christo, o simples, que resuscitou...

ROCHA MARTINS.



PROCISSÃO DO TRIUMPHO—SENHOR PRESO Á COLUMNA



A PROCISSÃO DO TRIUMPHO—ECCE HOMO



AS EXPERIENCIAS OFFICIAES DA TRACÇÃO ELECTRICHA DE CINTRA AO OCEANO, EM 27 DE MARÇO

1, VISTA GERAL DAS INSTALAÇÕES — 2, O MATERIAL NA ESTAÇÃO DA RIBEIRA — 3, CHEGADA DO CARRO 14 A CUVILLARES — 4, A SALA DA ELECTRICIDADE — 5, EM DEBORA — 6, A CHEGADA DO CARRO 24 RIBEIRA — 7, A PASSAGEM DO CARRO EM SALAMARE — 8, A PARTIDA DO 1.º CARRO EM CINTRA — 9, A CASA DAS CALDEIRAS

Pelas duas horas, passando entre abas de povo, Egírios e garçidos, os primeiros carros partiram. Largos primeiro o n.º 14, dirigido pelo engenheiro Wassdor-Walton. Desfilando vigorosamente pelas linhas, ao sol, saudado pela multidão, o carro atravessou as ruas, passou por entre os campos verdes e em 24 minutos chegou a percorrer 8 kilometros.

Pouco depois outros carros partiram, com os engenheiros Benjamin Costa e Simão de Matos. Durante o percurso os veículos foram acclamados, ovitando-se palmas e vivas, e, n'aquele be-

lho e de luz, os vidros reflectiam, os metais acollavam, os carros galgavam a distancia, assegurando um zozzo e bem importante movimento a villa de Cintra. A' volta o vehiculo teve vagarosamente, entretanto ao largo D. Amélia, onde havia uma enorme agglomeração que mais uma vez o saudou, manifestando assim o contentamento da população da villa por este progresso digno de todo o louvor.

Os carros 34 functionam para o publico com uma tabella de preços modicos.



O BANQUETE DE HOMENAGEM AOS DELEGADOS DO CONGRESSO DOS CAIXEIROS

Foi em 27 de fevereiro, no hotel Frankfurt, depois de um errado e congresso realizado durante dois dias, que se effectou o banquete. A reunião dos caixeiros fôra imponente, discutiram n'ella algumas propostas de vantagem para a classe e o capitão sr. Mello e Sousa e o par do reino sr. Barboza assistiram a penúltimo e solo dia do tal momento.

Para solemnizar esse congresso de reivindicações, os caixeiros de Lisboa offerreceram um jantar aos delegados provincianos, presidido o sr. Aníbal Martins, representant dos caixeiros de Porto, e usou lá da palavra os delegados de Braga, de Vizeu, de

Porto e de Lagos, que affirmaram a sua solidariedade e fizeram votos para que fossem deferidas todas as pretensões expostas na reunião da classe e as quaes devem ser apresentadas ao sr. presidente do conselho.

O jantar começou ás 8 horas da noite e prolongou-se até muito tarde, havendo uma enorme animação propria dos meços trabalhadores que lutam por melhorar a sua situação, reunidos n'uma camaradagem digna.



A VIAGEM DO REI DE HESPAÑA:—A PASSAGEM DO COETEJO NAS RUAS

A' volta da entrevista com Guilhermo II, o rei de Hespanha atravessou algumas cidades do seu reino e foi ostensivamente aclamado. Agora vai a Barcelona onde os elementos revolucionarios prepararam contra-manifestações que o alcaide declarou ter abafado, sendo, por isso, de esperar que haja uma vehemente d'applausos eguaes aos de Guadalajara: Quando S. M. puzer nas ruas, as damas deitaram das janellas flores e pombos que voavam n'uma apothose de fitas coloridas, e povo batia palmas e no rosto melancolico do joven soberano havia uma aberta de alegria.

Ao chegar a Madrid foi ao parque aerostatico, onde se lançaram alguns balões d'ensayo, e d'alli á c'greja de Santa Maria, onde havia um Te-Deum, partindo para a deputação e sendo recebido pelos alcaides que vestiam os trajes caracteristicos das regiões que representam.

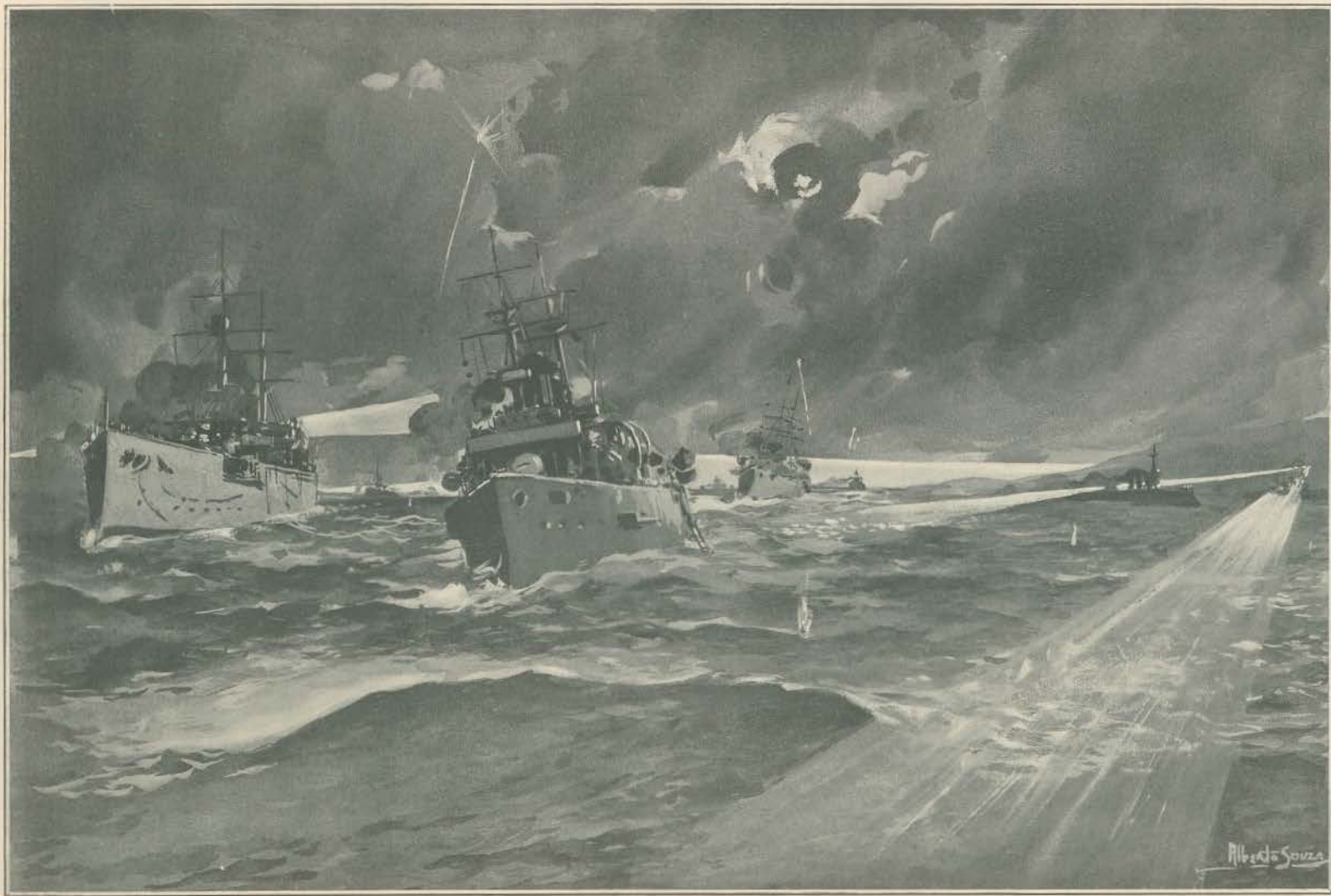
Na sua viagem a Barcelona, viagem politica aconselhada pelo gabinete, o monarcha é acompanhado por Maura, o presidente do conselho.



AS TROPAS DO PRETENDENTE MARROQUINO A CAMINHO DE FEZ

Bu-Amens, o pretendente marroquino, é um d'esses Messias que apparecem a milão nas tribus do Islam. Bu-Amens é um enviado do propheta, segundo diz o segundo as labyas acreditam. Foi a Meca como todo o bom mahomethano e veio pregar a revolta contra o sultão. Perseguido, andando de terra em terra, foragido as autoridades, foi dar à Algeria onde um alfaiate o recolheu. D'all partiu com o seu hospedeiro a fazer novas predicas e nomeou-o grã-vizir, casando com a sua filha natica. Conseguiu reunir alguns rebeldes, levantou em volta de si uma barreira e tem assolado os domínios do sultão com os seus fiéis.

É um curioso exercito aquelle, composto de esfarrapados, d'uma horda femina que tem ministros, governos e vizes desgracados, recruta nas cidades e recolla revoltos dos estrangeiros que o visitam. Ha tempo um reporter do *Figaro* teve uma entrevista com o pretendente a quem afforçou um revolver e diz que, nas noites, Bu-Amens, como o Aladino da lenda, vagueia por entre os seus, disfarçado, cheio da desconfiança que o querem atraiçoar. Passa uma vida de terrores, mas cada vez vai tendo mais esperanza de ser sagrado na parede de Marrocos, esse propheta que foi a Meca e de lá trouxe a rebelião.



A GUERRA RUSSO-JAPONESA; A RETIRADA DOS CRUZADORES JAPONESES DEPOIS DO ÚLTIMO COMBATE DE PORTO-ARTHUR

Os japoneses foram pela madrugada de 22 de fevereiro ao ataque de Porto-Arthur com uma numerosa esquadra e uma grande frota de torpedeiros. A's 4 da manhã fizeram uma investida; nevava, estava sem luar a noite e os barcos, como monstros, lentos e de projectores apagados, atiraram n'um ruído nas primeiras lanchas. Foram repellidos pelos russos, e até ás 7 da manhã, quando já caíra a aurora, fizeram mais dois ataques sem êxito. Viu-se então que a esquadra era composta por 6 couraçados, 6 cruzadores protegidos e 8 torpedeiros e estava dividida em tres partes. A's 7 começou o bombardeamento, muito activo, com a artilharia de grosso calibre, a que os fortes responderam alcan-

çando com uma granada um cruzador inimigo. O tiroteio durou até ás 14 horas da manhã, retirando em seguida os japoneses que evitaram travar combate com a esquadra russa. O *Retvisan*, como n'uma desforça, causou estragos a um couraçado japonês, sendo também destruído um torpedeiro pelo fogo das baterias. O czar mandou um telegramma de felicitações a Alexeieff pela bella defesa e criou ao almirante Mahaveff que assistiu ao combate a borda do cruzador *Asoida*. O almirante japonês Togo occulta entididamente as baixas da sua armada.



A PROCISSÃO DO TRIUMPHO EM DOMINGO DE RAMOS

É ainda a procissão que recorda os tempos fastuosos da devoção no regimen absoluto, quando os cortejos religiosos se faziam com pompa n'uma exposição allegorica e rica, com os fidalgos pegando ás varas dos pallos, com os sacerdotes recamados d'ouro, n'umas nuvens odoríferas d'incenso que revolteavam nos thuribulos e nas cascoletas d'ouro, atravessando as ruas diante do povoem prostrado e respitoso. Eram luzidas e enormes as imagens, opulentamente adornadas como essas que vão na procissão do Triunpho. É um cortejo da Paixão, uma historia epica e animada da vida de Christo, que passa na cidade n'uma gloria de vestes recamadas d'ouro, com as suas lanternas accensas, com as suas imagens de

simbolo e de evocação. Primeiro apparece o Senhor no hortio, na meditação, a orar; da seguida o tormento. O Senhor preso, e logo o Senhor agitado pelos algos, depois o Senhor na pedra fria. E assim decorrendo as phases do sacrificio do Redemptor com o *Ecce homo*, o Senhor dos Passos, o Senhor da Agonia e o Senhor morto seguido pela Senhora da Soledade, incarnação da dor, incarnação da angustia e do martyrio. A procissão sahia da igreja da Ordem Terceira do Carmo pelas 5 horas da tarde e recolheu pelas 7 e accedia, já escuro, ao som d'uma marcha, *Phasialia*, tocada pela banda da guarda municipal. Dentro do templo cantou-se um *Miserere* e com esse cortejo inaugurou-se a Semana Santa.



A GUERRA RUSO-JAPONESA:—O DESEMBARQUE DAS TROPAS JAPONEZAS NA COREIA

Continuam a desembarcar tropas japonezas na Coreia e o povo coreano tem feito tumultos. Uma parte da população ligou-se aos russos, a outra aos japonezes e a guerra entre os estrangeiros ateia-se. Em Kang-Keoni deu-se um encontro entre russos e coreanos, ficando mortos 33 dos primeiros e 17 dos segundos. Mas o centro das operações é em Chemulpo, onde se encontram 25.000 japonezes, ao passo que em Gensan estão dois exércitos de 25.000 homens e entraram em combate. Todos os dias mais tropas desembarcam, movem-se grandes forças d'artilharia, a cavallaria chega em esquadras cerra-

dos. São mais de cinquenta os regimentos d'infantaria. O Marquez Ito, residente japonês na Coreia, continua a pedir tropas, na esperança de que haja ataques seguidos da parte dos russos. Ao mesmo tempo faz avançar as suas forças para o quartel general de Karhine, onde entram diariamente 5.000 soldados russos e onde Alexoff prepara sua defesa. Chemulpo será sem dúvida o ponto d'encontro das forças belligerantes e a batalha ali travada deve ser, pelo numero dos combatentes, uma das mais extraordinarias dos tempos modernos.



A INAUGURAÇÃO DO MONUMENTO DO CONDE DE FERREIRA NO PORTO

No parque do hospital fundado pelo conde de Ferreira ficou a sua estatu'a n'um pizytha, obra do architecto José Teixeira Lopes. Resonou n'essa missa e os alumnos do asylo do barão de Nova Couta e os internos do hospicio de S. Lazaro cantaram cânticos religiosos. Houve em seguida uma

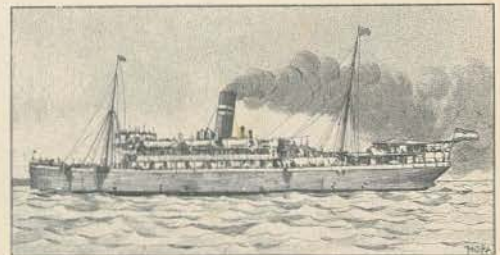
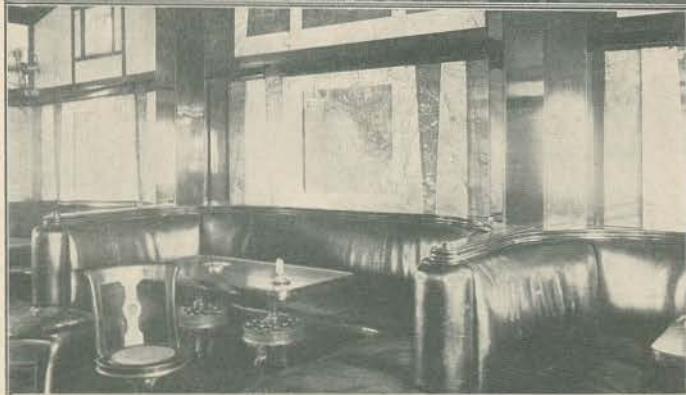
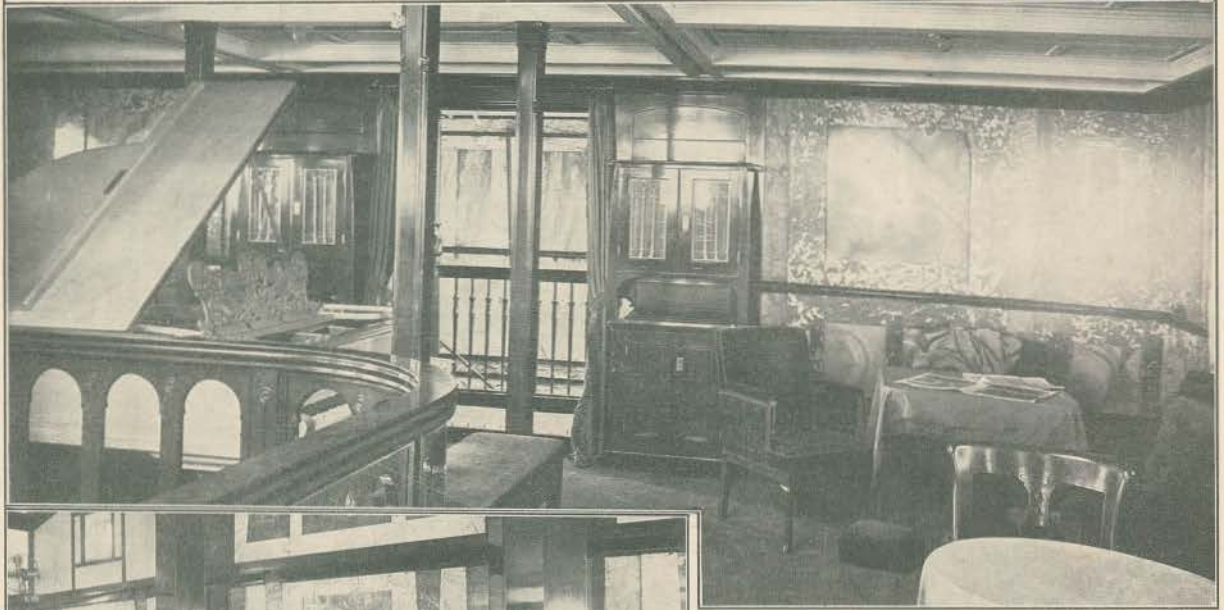
sessão solenne presidida pelo sr. dr. Forbes Magalhães e na qual usou da palavra o sr. dr. Arthur de Macedo. Assim ficou a destacar-se em marmore o vulto d'aquelle que foi um benemerito e a quem centenas de desgraçados devem o amparo.



O QUADRO DE VELLOSO SALGADO DESTINADO AO MUSEU D'ARTILHARIA

O quadro de Salgado é uma allegoria. Vê-se n'ella, com o imperador D. Pedro IV, os homens do regimen liberal, os generaes braves das luctas, Saldanha, Sá da Bandeira, Paço da Terra, e Antas, aquelle em quem José Passos confiava, ao bradar ao povo agglomerado na Praça Nova: Avante, patriotas, que o Xavier aguenta-se!
N'esse quadro evocam-se com as physionomias os acontecimentos: lá está Palmella com a sua

fronte brumida e a alta, o diplomata que com os generaes pe'o D. Maria II no throno. Destacam-se vigorosamente, cheios de luz, os retratos dos Passos: marcam-se ao perfil dos litteratos do tempo, e resalta a figura d'um soldado de voluntarios agarrando a bandeira symbolo do liberalismo, que ficou synthetizado com i todos esses vultos n'este ultimo trabalho do illustre pintor.



OS SANATORIOS DA MADEIRA—A VIAGEM DA COMISSÃO INSTALLADORA

O COMANDANTE DR. LUDWIG WOERMANN, SR. IVERSAN, E OS SEUS OFFICIAES—A COMISSÃO DO SANATORIO—O SALÃO DE BOWDO—A SALA DE FUMO—O PAQUETE «LUDWIG WOERMANN»

A bordo do *Ludwig Woermann*, que pertence á Companhia Hamburgueza, refa da Madeira com destino a Hamburgo e cemiteiro installadora dos sanatorios madeirenses que tem a alta protecção de S. M. a rainha a senhora D. Amélia. A commissão foi ao paço real das Necessidades emprenhar a augusta senhora e era composta pelos srs. drs.: Panwitz, Beyochlag, Frankel, Walpp, R. Fromel e pelos srs. Ganslach, Rater e Hopmann. Durante uma hora estiveram conversando com S. M. a rainha e recolheram a bordo do *Ludwig Woermann* pelas 5 horas da tarde.

O paquete é magalhão, tem installações luxuosas, com marmores e quadros; é como um bello palacio flutuante a passar-se nos mares com todas as commodidades da civilização, com o seu povo

de servos e de marinheiros, com as classes entremeadas e definidas segundo a importancia das passagens. Viaja sob a bandeira de guerra porque conduz tropas para a Alemanha, soldados e officiaes que regressam d'África aos seus lares. Vão a bordo alguns officiaes da marinha alemã feridos na ultima guerra dos Hereros e que são os capitães da fragata *Gudewill* e o primeiro tenente *Gieslach*. Um redactor do *Klein Zef* que volta do campo de batalha, o sr. Mulleudorf, tambem regressa a Alemanha no bellissimo paquete que apenas se demorou algumas horas em Lisboa. O commandante do *Ludwig Woermann* é o sr. Iversan e o immediato é o sr. Hulton, officiaes da marinha da guerra que andam em commissão na Companhia Hamburgueza.



RODRIGO AFFONSO PREQUITO
NOVO MINISTRO DA FAZENDA

Foi um dos fundadores da Sociedade de Geographia em Lisboa; Obedeceu a um dos promotores do centenário do Camões. Desde 1870 que é lente a cátedra de contabilidade commercial no Instituto e começou a sua carreira politica pelo cargo de vereador na camara municipal de Lisboa em 1884. Foi tambem eleito par do reino por Portalegre em 1890 e por Lisboa em 1894. Quando deixou de haver pares electivos o sr. Rodrigo Prequito foi novamente eleito deputado por Lisboa no anno de 1900-1901, sendo agora chamado aos conselhos da corôa em substituição do sr. Teixeira de Sousa.



O CONDE DE FERREIRA

Joaquim Ferreira dos Santos foi o 1.º barão, 1.º visconde e 1.º conde de Ferreira, e o pai deve-lhe uma enorme gratidão porque foi um benemerito d'esses que se assignalam. Nasceu no Porto em abril de 1762; no Porto morreu em março de 1866; e a casa, cidade, seu herdeiro e sua campa, legou perto de 150000000 réis para a construcção d'escuelas, do hospital de alienados que tem o seu nome, de ayudo e para insustentar dotos de 500000 réis ás raparigas pobres e honestas. Aquella fortuna, abençoada fora ganha no Brazil a custa de esforços, a uma lucta honrosa e d'alta dispendio e millitaria para engrandecer a terra que acaba de lhe prestar uma homenagem que é um brado de gratidão á sua veneranda memoria.



A GUERRA RUSSO-JAPONESA: — O CORTEJO DO REI DA COREIA INDU AO ENCONTRO DO MARQUEZ ITO

O rei da Coreia quando sabe que no meio das tropas e na sua frente marcham as insignias do paizão japonês. Os estandartes coreanos em numero avultado vão a abrir o caminho do soberano para o qual nenhum soldado pode olhar. Habilmente deixa o seu palacio, sendo obrigatorio apenas

uma volta, assinal se immulo dos antepassados, que fica a duas leguas de Seul. Porém agora o soberano faz a recepção e foi receber o Marquez Ito, variado do Japão, com todo o seu estado e com os estandartes arvorados em signal de jubilo.



OS NOVOS PEREGRINOS

POR MARK TWAIN, TRAD. DO ORIGINAL POR ALBERTO TELLES

C. W. E. [A vida na Terra Santa] exprime-se d'este modo:

«Um bello mar se avista entre os outeiros da Gallíla, no meio d'essa terra outr'ora possuída por Zebulão e Naphtali, Ashor e Dan. O azul do céu penetra a profundidade do lago, e as aguas são mansas e frias. Estendem-se para oeste vastas e fortes planícies; ao norte as margens penhascosas erguem-se como do degrau em degrau, e lá muito longe campeiam as alturas cobertas do neve do Hermon; a leste se descobrem, através do véo de nevoa, os altos planos de Pores, que vão dar ás escabrosas montanhas que conduzem o espirito por diversas sendas para Jersusalem a Santa. Brillam flores n'este paraíso terreal, de antes bello e vicejante de bulhões arvoredo; as aves a cantar encantam o ouvido; a rola entonece com as suas notas suaves; a cotovia com a sua poupa oniva para o céu o seu canto, e a grave e majestosa cegonha povoa o espirito de pensamentos e leva á meditação e ao repouso. N'outro tempo a existên-

cia aqui era idyllica, encantadora; não havia cá ricos nem pobres, grandes nem pequenos. Havia muito bem-estar, simplicidade e belleza; o que se vê agora é um quadro de assolação e miséria.»

Não tem nada de engenhosa essa descripção. E' a peor que tenho visto. Apresenta um complicado permenor e que denomina um «paraíso terreal», e fecha com a commovente informação de que tal paraíso é «um quadro de assolação e miséria.»

Ahi estão dois formosos especimens communs do que vem a ser o testemunho prestado pela maioria dos escriptores, que visitam esta região. Diz um: «da belleza do quadro não posso dizer bastante», e depois trata de revestir com uma trama de falgidos conceitos uma cousa, que, desnudada para a inspecção, se mostra ser apenas uma modesta bacia de agua, um deserto montanhoso e uma arvore.»

O outro, apez um esforço consciencioso para compor com os mesmos elementos um paraíso terreal, addicio-

naudo-lhe uma «grave e majestosa cegonha», dá cabo d'elle, cahindo por fim na triste verdade.

Quasi todas as obras relativas á Gallíla e ao seu lago descobrem, como bello o quadro que nos apresentam. Não — nem sempre assim é. Algumas vezes a impressão intencionalmente recebida é de que é bello, ao mesmo passo que o auctor tem cuidado em não dizer que o é, em linguagem clara. Porém, uma analyse attenta d'essas descripções mostrará que os elementos que entram na sua formação não são, cada um em si, bellos, e não podem, rounidos, produzir combinações bellas. Assim a veneração como o affecto, que alguns d'esses homens sentiram pelas scenas, por elles mencionadas, aqueceram-lhes a phantasia, dominaram o seu juizo; mas, em todo o caso, as agradaveis falsidades que elles escreveram eram cheias de honrada sinceridade. Outros escreveram da maneira que se vê, pelo recio do serem impopulares, se o fizessem de outro modo. Outros eram hypocritas e tinham o proposito deliberado de enganar. Qualquer d'ellos, se o interrogassem, diria logo que era sempre bom e sempre melhor dizer a verdade. Di-lo-lam sempre, de uma maneira ou de outra, se não percebessem o motivo da pergunta.

Mas porque se não ha de dizer a verdade ácerca d'esta região? Acaso é prejudicial a verdade? Preciso já mais de esconder o rosto? Deus fez o mar da Gallíla e os seus arredores como elles são. Será porventura da competencia do sr. Grimes aperfeiçoar essa obra?

Pelo conteúdo dos livros que tenho lido estou certo de que muitos que visitaram esta terra, ha annos, eram presbyterianos, e buscavam testemunhos em abono do seu credo particular; encontraram uma Palestina presbyteriana, e tinham já predisposto o seu animo para não encontrarem outra, embora fosse possível encontra-la, cegos como estavam pela sua devoção. Eram outros baptistianos, buscando provas n'esse sentido, e uma Palestina baptistiana. Outros eram catholicos, methodistas e episcopalianos, em cata de argumentos que robustecessem a sua fé, a de uma Palestina catholica, methodista e episcopaliana. Pmas, como podom ter sido as intenções d'esses homens, eram cheias do parcialidade e prejuizos: — entravam n'esse país com os seus veredictos já preparados, o tanto poderiam escrever desapaixoados e imparcialmente a respeito d'elle, como se se tratasse de suas mulheres e de seus filhos. Os nossos peregrinos trouxeram consigo os seus veredictos. Assim o tem mostrado na sua conversação desde que deixamos Beyrouth. Quasi que posso dizer, á justa, e que elles dirão quando virem o Tabor, Nazareth, Jericó e Jersusalem — porque tenho os livros onde irão «pescar» as suas idéas. Esses auctores tracam quadros e entretocem rapidas, e gonto de somenos capacidade vê tudo pelos olhos do auctor, em vez de ser pelos seus proprios, e fala pela lingua d'elles. O que disseram os peregrinos em Caesaria Philippi surpreendeu-me pela sua sabedoria. Encontrei-o depois no «Robinson». O que elles disseram, quando Genezareth se patenteou á sua vista, encantou-me pela graça. Achei-o na Terra e o livro do sr. Thompson. Muitas vezes falavam, em bem fornecidos periclos, que nunca variavam; de como tinham tenção de encostar a cabeça cansada n'uma pedra, em Bethel, como Jacob, fechar os olhos encandados e sonhar, talvez, com anjos que desciam do céu por uma escada. Era muito bonito. Mas eu reconheci a cabeça cansada e os olhos encandados, finalmente Apanharam a idéa — e as palavras — e a construcção — e a pontuação — em Grimes. Os peregrinos, quando regressarem á patria, hão de falar da Palestina, não como ella lhes appareceu, mas como appareceu a Thompson, a Robinson, a Grimes — com varias côres apropriadas ás crenças de cada peregrino.

Os peregrinos, os peccadores e os arabes, estão agora todos delitados, e o acampamento está em secego. O trabalho na solidão é fastidioso. Desde que tomei os meus ultimos apontamentos, tenho estado fora da tenda por espaço de meia hora. A noite é a occasião propria para vêr a Gallíla. O lago de Genezareth debaixo d'estas brilhantes estrellas nada tem de repellente. Genezareth como os reflexos acintillantes das constellações, que meçoquiavam a sua superficie quasi que faz sentir passar de ter visto sobre elle a fulguração do dia. A sua historia e correlações são o seu principal attractivo aos olhos de todos, e os encantos que apresentam são fracos á luz exploradora do sol. Os nossos pensamentos vóam constantemente para as cousas praticas da vida, e recusam deter-se sobre cousas, que parecem vagas e fóra da realidade. Mas quando acabon o dia, até os menos impressionaveis devem render-se ás phantasticas influencias da noite serena e estrelada. As antigas tradições do logar insinuam-se na sua memoria e perseguem os seus devaneios, e enão a sua phantasia cobre de sobrenatural o que se vê e se ouve. Nos rotas das ondas, que vem quebrar sobre a praia, sento a quélta de rounos phantasticos; os secretos ruidos da noite parecem-lhe vozes de espiritos; e o brande sopro da viração o fremito de aguas invisiveis. Navios phantasmáticos estão no mar, e os mortos de vinte seculos sahem das sepulturas, e nos gemidos do vento nocturno encontram de novo expressão os antigos cantos olvidados.

A luz das estrellas, a Gallíla não tem outros limites senão a vastidão do céu, e é o theatro proprio para grandes acontecimentos; proprio para o berço de uma religião capaz de salvar um mundo; e proprio para a majestosa figura destinada a estar em seu palco, e a proclamar os seus elevados decretos. Mas, á luz do sol, dizem: E' pelos feitos que se praticaram e pelas palavras que se preferiram n'este pequeno acre de rochas e de areia, ha dezotto seculos, que os sinos tocam hoje nas



Em apertos como esse, quando um homem ri, o caso não é para desanimar; e, se pestaneja, então é positivamente porque nada há que recear. Sustentou, finalmente, que um guarda seria suficiente para nos proteger, mas que esse era uma necessidade absoluta. A razão estava na força moral que exercia nos beduínos a sua terrível panoplia.

FOLHETIM N.º 21

(Continua)

ilhas remotas do mar, e, lá muito longe, em continentes que abrangem a circunferencia do immenso globo?
Só se pode comprehender isso, quando a noite occultou todas as incongruências e creou um theatro proprio para tão grande drama.

XVIII

Os antigos banhos—A apparição—Um panorama distincto—A última batalha dos cruzados—O caso de sr. Kajak—O monte Tabor—O que se vê de seu cumme—Uma memoria do maravilhoso jardim—A casa da prophetiza Debaca.

Hontem, á hora do crepusculo, fomos outra vez nadar no mar da Galiléa, o hoje outra vez ao nascer do sol. Não andamos n'elle á vés, mas tres vezes que lá estivemos nadando correspondo a isso, não é assim? Na agua via-se grande abundancia de peixe, mas n'esta peregrinação não tínhamos outros recursos senão: *A vida de tenda na Terra Santa, a terra e o livro*, e outras obras semelhantes de literatura—apparelho de pesca, nenhum. Na aldeia de Tiberiades não havia modo de ter peixe. Com effeito, vimos dois ou tres vagabundos e comporem as rédeas, mas nunca tratando de apunhar qualquer cousa com ellas.

Não fomos aos antigos banhos quentos a duas millas para baixo de Tiberiades. Nem tive vontade de lá ir. Pareceu-me isto extranho, e tratei de descobrir qual era a causa d'essa desrazoada indifferença. E vim a apurar que era simplesmente porque Plinio faz menção d'elles. Concebi uma especie de indolucpavel desamor a Plinio e a S. Paulo, pois parece que nunca posso desocantuar um lugar, que fiquo sendo meu. Sempre e eternamente transpira que S. Paulo esteve n'esse lugar, e que Plinio o «mencionou».

Ao romper da manhã montámos e partimos. Foi então que uma magica apparição surgiu á frente da cavalgada—um pirata, cuidei eu, se jámais houve um pirata sobre a terra. Era um arabe alto, tão fuscado como um indio; novo—talvez de trinta annos de idade. Tinha muito bem atada na cabeça uma magnifica manta de seda listrada de amarello e vermelho, cunhas extremidades, profusamente adornadas de borlas de seda, lhe caíam entre as espaldas e flutuavam ao vento. Do pescoço até os joelhos, em amplas dobras, cahia uma túnica, que era como uma bandeira muito sarapintada de curvas e sinuosas

barras negras e brancas. Sobre as costas se projectava a comprida haste de um chibouk, que ultrapassava o seu hombro direito e, de travez, tambem nas costas, em diagonal, passando acima do seu hombro esquerdo, uma clavinia arabe do tempo de Saladino, que era esplendida em chapas de prata desde a corouha até á extremidade da incomensuravel extensão do cano. Em volta da cintura tinha muitas e muitas jardas de um estofa muito altudado de ramos, mas já bastante desbotado, proveniente da Persia, e por entre as dobras, que faziam succos na frente scintillavam os raios do sol n'uma Estateria formidavel de velhas pistolas de cavallaria e de cabos dourados de facas homicidas.

Havia coidres para mais pistolas suspensas da immensa móda de pelles de cabra de longos pêlos, e de tapetes da Persia, dos quaes o homem apprendera a servir-se como de selim, e para baixo entre a fila de borlas pendentes, que se balonçavam do sedim, e tinindo e ntra o ferro dos estribos que lhe faziam levar os joelhos á boca, havia uma curva cimitarra de bainha de prata, de tão horrendas dimensões e tão implacavel expressão que ninguem era capaz de olhar para ella sem estremeecer. O franjado e ataviado príncipe, que tem o privilegio de montar o cavallo e guiar o elephante para aldeias do campo é um misero e quasi nu, comparado com estes cahos de ornamentação, e a feliz vaidade de um é a mesma penuria de contentamento, comparada com a majestosa seronidade e a esmagadora complacencia do outro.

— Quem é este? O que é isto? Tal era a assustada interrogação em toda a linha.

— O nosso guarda! Desde a Galiléa até o berço do Salvador, a terra está infestada de ferozes beduínos, cuja unica ventura n'esta vida é cortar, apunhalar, mutilar e assassinar inoffensivos christãos. Allah seja comosco!

— N'esse caso alugasse um regimento. Pois quereis mandar-nos para o meio d'essas horkias desesperadas, sem nenhum auxilio na nossa extrema necessidade senão esse velho estafermo?

O drogman ris-se—não da facécia d'do similit, porque em verdade nunca existiu guia ou correio ou drogman que formasse a mais leve idéa de um gracejo—o drogman sorriu-se, e então, ganhando animos com algum pensamento que, sem darvida, havia no seu cerebro, atirou-se aos extremos e pestanejou.





O PEDRO DA FONTE

Tem 106 annos, nasceu na quinta de Gualdim na Azia de Balxo e lembra-se das lavadeiras francezas, o veitinho. Tem 17 netos e 3 bisnetos. Nos seus tempos de saúde, bebia agua por uma medida de almide pegando n'ella so com uma mão.



ALBERTO NAZARETH
Presidente da assembléa geral
AUGUSTO DA CUNHA ROZA 1.º secretario da assembléa
LUIZ RUFINO BELLA 2.º secretario da assembléa
O 2.º CONGRESSO DOS PAIXEIROZ PORTUGUEZES



MARIA DA CONCEIÇÃO MIRANDELLA

Nasceu em 1890 em Osiras. Agora vive em Paço d'Arcoz. Tem ainda fotos os trabalhos domesticos e esse seu sorriso de seculos. Na era oitava doente e foi nos seus tempos uma mocilla garbosa. Viu passar os seculos, é um curioso documento vivo que pode ser um bello auxilio para a historia anecdotica da existencia de D. Miguel no Paço de Caxias.



ANVERSO DA MEDALHA

A MEDALHA DE HOMENAGEM AO DIRECTOR DA CASA DA MOEDA, CONSELHEIRO AUGUSTO JOSÉ DA CUNHA, GRAVADA POR VENANCIO PEDRO DE MACEDO ALVES,

Esta medalha foi offerta ao director pelos empregados da Moeda srs: Augusto Cesar Jorge, João Baptista Teixeira, Fernando Schiappa, Arthur Carlos da Silva Freire, Venancio Pedro de Macedo Alves, Carlos Serredell, Casimiro José de Lima, Francisco Prouça, Joaquim Carlos d'Almeida.



CONSELHEIRO AUGUSTO JOSÉ DA CUNHA

Director da Casa da Moeda

PRIMEIRO GRAVADOR DA CASA DA MOEDA

Sim. Jorge Freire da Silva, João de Deus Antunes Pinto, Jorge Lente, José Sergio da Silva, Jaime Vasques.

E mandada em ouro e foi modelada por Simões d'Almeida Sobrinho.



REVERSO DA MEDALHA

CHRONICA ELEGANTE

Na falta do assumpto de perfeita actualidade e na expectativa dos ultimos de:retos sensacionais das modas do verão, occupamos-nos de um elemento que é hoje quasi indispensavel em todas as toilettes femininas: as rendas.

Este precioso, elegante e distinctissimo ornamento lizo



FIGURA 1



FIGURA 2

é tão remoto como muitos supõem; nasceu no seculo XV e foi Venezia o seu berço.

Dall passou a França, onde a sua fabricação tomou excepcional desenvolvimento, devido ao excessivo fausto das cortes de Luiz XIII e sobretudo de Luiz XIV. Consta-se que este famoso *Rei Sol* ostentava nas suas casacas de cerimonia punhos de renda em forma de folho, como hoje se usam nos fatos das damas, cujo valor attingia a 30 mil francos. Estes folhos tinham e tem actualmente o nome suggestivo de *engagantes*.

É um delicioso enfeite que faz realçar os alvos braços emergindo das mangas semi-curtas, e cahindo sobre as setineas mãos constelladas de valiosos aneis ainda as torna mais patricias e distinctas.

Actualmente a fabricação das rendas é universal; todos os paizes toem o seu typo e a sua especialidade; a par d'estas surgem imitações mais ou menos felizes, para satisfação dos que não podem chegar ao authentic. Felizmente, graças á privilegiada intuição artistica, ao intelligente e aturado trabalho d'uma distincta senhora, genuinamente portugueza, Portugal pôde orgulhar-se de produzir tambem um typo de renda, authentic, unico na sua especie. A renda artistica portugueza

é um primor d'arte no desenho, de perfeição no trabalho e constitue uma verdadeira *creação*. Falando somente do que é applicavel ao assumpto *toilette*, os cabecões, *hausses-col*, ramos soltos, lacinhos, leques e lenços são dignos de figurar, como já figuram, nas mais preciosas *toilettes* das primeiras personagens portuguezas.

Nas rendas estrangeiras occupam o primeiro lugar os *Points d'Angleterre*, *Bruxelles*, *Venise*, *Espagne*, *Alençon*, *Bruges*, *Flandrez*, *Irlande*; porem a sua fragilidade torna-as pouco praticas e sómento applicavois a circumstancias muito especiaes; além d'isso os seus excessivos preços fazem com que só possam ser accessiveis a um diminuto numero de felizes mortaes.

Fig. 1—*Toilette de soirée em Liberty rose pale incarnate do guipure do linho.*

Fig. 2—Cabecão de renda artistica portugueza.

Fig. 3—*Tea gown em toile de seda azul plissé guarnecido de point d'Irlande.*



FIGURA 3